

Atractividade: Expectativas e Realidades Numa População de Estudantes Universitários

José Manuel da Silva Pinto¹

Resumo

Este trabalho é o relato de três investigações feitas sobre a atractividade. Os estudos tiveram como base e inspiração um trabalho feito por Paul Lavrakas da Universidade de Loyola, nos Estados Unidos, que procurava saber o que os homens entendiam atractivo em si, para as mulheres e o que elas realmente achavam atractivo neles.

Começámos por replicar este trabalho e fazê-lo também no sentido contrário, isto é, saber o que as mulheres achavam atractivo em si, para os homens e o que é que eles achavam realmente atractivo nelas, utilizando um questionário com os factores de Lavrakas e o novo com a transposição para os seus equivalentes, nas mulheres. Os resultados foram inconclusivos, porque as respostas se mostraram muito semelhantes em certos factores, o que não os discriminava.

Seguiu-se então um segundo estudo em que utilizámos perguntas abertas para determinarmos quais os factores de atracção com que devíamos trabalhar. Após esta segunda fase da investigação utilizámos, na terceira fase, um questionário com os novos factores de atracção física, encontrados durante a segunda, cujos resultados se apresentam agora.

1. Introdução

Paul Lavrakas da Universidade de Loyola, interessou-se por saber se as expectativas que os homens tinham relativamente ao que neles mais atrai as mulheres estavam correctas, ou se, pelo contrário, a atracção que provocam

¹ Professor de Psicologia do Curso de Licenciatura em Psicologia da UAL

nas mulheres seria devida a factores que eles desprezariam ou, no mínimo, ignorariam.

A pergunta feita aos homens ia no sentido de os fazer dizer o que achavam que as mulheres mais apreciavam neles, em termos físicos.

Às mulheres era perguntado o que é que elas mais apreciavam nos homens, do ponto de vista físico.

Os resultados eram encontrados por comparação entre o que eles supunham e o que elas realmente apreciavam.

Decidimos então fazer um estudo idêntico, mas alargá-lo aos dois sexos. Para isso começámos por trabalhar durante sete anos com estudantes universitários, inicialmente com os itens de Lavrakas, depois através de perguntas abertas para determinar quais os factores que eram mais frequentemente apontados como atractivos. Depois disso, durante um período de tempo aproximadamente igual, passámos a utilizar um pequeno questionário com perguntas fechadas.

2. O início

O trabalho de Paul Lavrakas visto à distância de umas décadas atrás pareceu-nos um tanto estranho, dado que se estava ainda em tempos em que a vaidade era imputada quase exclusivamente às mulheres, em que eram elas que colocavam, ou eram supostas colocar, a aparência física acima de quase tudo e, enfim, o modelo estereotipado dos géneros apontava claramente para a mulher bela, sensual, atraente e fazendo destas características um quase meio de vida, enquanto o homem com outros horizontes e fins a atingir, trabalhava e fazia da ascensão profissional, económica e social a meta desejável, bem para além de preocupações de atractividade física.

Estava-se então perante uma espécie de fábula da cigarra (leia-se mulher) e da formiga (o homem) com muito grandes diferenças de valores e de objectivos a demarcarem bem as águas em que cada um se movia.

Ora neste contexto seria algo irrelevante esta preocupação de saber se o que os homens pensavam ter atraente para o sexo feminino era mesmo o que as mulheres neles achavam atractivo, por nos parecer que eles não estariam minimamente preocupados com esse tipo de coisas.

Contudo Lavrakas terá tido uma premonição ou simplesmente era mais atento do que uma visão rápida e aligeirada sobre este assunto poderia fazê-lo parecer.

Realmente alguns anos depois começaria a perceber-se que afinal as preocupações com a figura e com a apresentação não eram exclusivo das mulheres. Os homens começavam (?) a mostrar à evidência a sua inclinação para o vestuário, para os cortes de cabelo, para os cosméticos, para um conjunto de indicadores que apontava com clareza para uma atenção directamente direccionada para aspectos ligados à aparência física e, portanto, para a atracção que desejariam exercer sobre a mulher.

Na verdade o estereótipo do homem vencedor na luta profissional (campo de batalha moderno que substituiu a caça) parece cada vez mais estar ultrapassado e basta vê-lo a perfumar-se, a utilizar abundância de cremes variados, a fazer penteados de alguma dificuldade, depois de uma ida ao ginásio para tratar da aparência física e logo nos apercebemos de que, também neste aspecto, as diferenças se atenuaram muito.

Há os que cuidam dos músculos que procuram ter e manter exuberantes, para o que utilizam profusamente os espelhos desses mesmos ginásios em poses treinadas para os fazerem sobressair, há os que apenas querem estar bem de saúde e há os que se exercitam para tentarem desesperadamente contrabalançar os excessos gastronómicos cujos efeitos são visíveis.

Renato Sigurtá diz, referindo-se ao homem de umas décadas atrás que: “Andamos de cabeça ao léu, somos essenciais e usamos cabelo curto à ‘Academia de West Point’. Porquê esta austeridade?” (1982, p.31)

É uma bela imagem do homem de então e o autor continua chamando a atenção para o que se passava em épocas anteriores em que o homem “(...) lançava mão dos elementos próprios do guarda-roupa feminino e usava os mesmos tecidos e os mesmos folhos (...)” (id.)

Numa engenhosa construção Sigurtá aponta como causa remota da mudança ocorrida na maneira de o homem se vestir, um conjunto de circunstâncias em que os psicólogos têm um papel importante por terem demonstrado que a mulher ancestralmente considerada mãe inata o não era realmente. Isto tê-la-ia feito ir à luta, isto é, procurar outras actividades em que pudesse mostrar o seu potencial e o seu valor.

Então, começou a disputar ao género masculino os seus empregos, a própria preparação académica e profissional, entrando assim no seu mundo.

Sigurtá aponta esta invasão como causa de uma castração adicional que o homem terá sentido, levando-o a reforçar as medidas tendentes a recuperar, afirmar e ampliar a masculinidade ferida, cortando com todo o tipo de roupa que pudesse de alguma maneira ser confundido com a feminina e adoptando figurinos claramente mais sóbrios e indicadores do *macho* que deviam preservar.

Parece portanto que havia razões suficientes para Lavrakas pesquisar a questão da atractividade nos homens e o ajustamento das suas expectativas, ou não, à realidade sentida e vivida pelas mulheres em relação a eles.

Contudo a temática do investigador vai para além do vestuário, uma vez que se circunscreve ao físico, a ele mesmo, não ao que o cobre. Ao corpo, não à sua vestimenta.

Se tivermos em conta o que Burn diz acerca da distinção entre sexo e género, começamos a ter uma ideia mais ajustada ao que provavelmente se passa. Este autor afirma que:

Na maioria dos contextos os psicólogos preferem a palavra “género” porque ela inclui a ideia de que muitas diferenças entre homens e mulheres são criadas culturalmente enquanto a palavra “sexo” implica que as diferenças são causadas directamente pelo sexo biológico. (1996, p. xix, tradução do autor)

Isto aponta portanto para que as diferenças são, muitas vezes, culturalmente inculcadas e não fruto da constituição genética dos indivíduos, ainda que os mais modernos estudos indiquem que há diferenças entre homens e mulheres de extrema importância a nível do cérebro e do processamento da informação que ele faz.

Biologia e cultura terão portanto uma intervenção grande neste aspecto e isso parece estar patente nos resultados obtidos por Lavrakas e nos dos estudos que fizemos.

Com efeito, por detrás de uma maior ou menor semelhança nos padrões de roupa e/ou das suas cores entre homens e mulheres, na altura em que Lavrakas fez a sua investigação, os resultados mostram uma estereotipia das expectativas masculinas claramente marcada pelos padrões de masculinidade ancestralmente adquiridos, conservados e transmitidos ao longo de gerações,

para o que a sociedade dá um contributo essencial, como Erikson confirma ao referir-se ao desenvolvimento social da personalidade: “As instituições sociais oferecem aqui razões ideológicas para padrões largamente diferentes para uma moratória sexual parcial (...)”(tradução do autor) (1983, in Damon, W. (Ed), 1983, p.432)

Vejam os resultados de Lavrakas. O quadro seguinte mostra o que os homens interrogados por Lavrakas pensam acerca do que em si atrai as mulheres e o que elas realmente preferem neles:

	O que eles pensam	O que elas apreciam
Altura	13%	5%
Textura do cabelo	4%	5%
Olhos	4%	11%
Pescoço	2%	3%
Peito/ombros musculosos	21%	1%
Braços musculosos	18%	0%
Elegância	7%	15%
Ausência de estômago	9%	13%
Nádegas	4%	39%
Pénis grande	15%	2%
Pernas altas	3%	6%

Estes resultados não são surpreendentes quanto ao que se esperaria em relação aos estereótipos masculinos.

O homem pensa que a mulher é atraída por aquilo que ele e a sociedade criaram como imagem desejável para si próprio. Por isso temos o peito/ombros musculosos com 21% de indicações, os braços musculosos com 18% e claro, o símbolo maior da masculinidade, o pénis, pretensamente desejável de grandes dimensões, com 15%.

A altura aparece em seguida, ainda com dois dígitos (13%).

A surpresa poderá vir das respostas femininas que são absolutamente contraditórias e contundentes para esta auto-imagem masculina em nada correspondente aos sonhos e à atracção sentida pelas mulheres.

De facto, a altura fica-se por uma pequena percentagem (5%), o peito/ombros musculosos colhem escassíssimo 1% de referências, os braços

musculosos um ainda mais escasso e expressivo pela negativa 0% e o pénis grande, símbolo da masculinidade por excelência, fica com apenas 2%.

Masculinidade terá o mesmo significado para homens e mulheres, ou não será a masculinidade um factor de atracção para a mulher? Estudos têm mostrado que, por exemplo, para o longo prazo, a mulher escolhe rostos de homens pouco masculinos.

Ao contrário daqueles factores, um atractivo físico que naturalmente a maioria dos homens desconhecerá em absoluto, as nádegas, colhe uns muito expressivos 39% de preferências femininas, seguidas a uma distância muito grande pela elegância, naturalmente mais esperada pelo sector masculino, com 15%.

Não podemos deixar de salientar que, ao contrário do que uma primeira e rápida vista de olhos pelos resultados poderia fazer pensar, a mulher não é indiferente ao físico do homem, apenas parece interpretar as coisas tendo um ponto de vista bem diferente do masculino. Assim, os homens pensam que são apreciados pela quantidade e qualidade dos músculos (peito, ombros e braços) enquanto as mulheres se sentem realmente atraídas por homens sem barriga (13%) e com nádegas atractivas, o que naturalmente parece configurar o padrão de elegância que ela construiu do homem.

A constatação da preocupação masculina acima referida é facilmente comprovável empiricamente com algumas visitas a ginásios onde é por demais evidente a preocupação dos homens em trabalharem o tronco e braços (uma vez mais o peito, os ombros e os braços) em quase completo detrimento das pernas e, ainda que um pouco menos, dos abdominais.

Será a figura do Popeye, de perna fina, tronco de barril e braços como troncos de árvore o ideal de beleza masculina visto pelos homens? Parece difícil que assim seja, mas a evidência colhida nos ginásios é uma irrefutável confirmação.

O último factor significativo para as mulheres, ainda com percentagem com dois dígitos é o dos olhos. A única coisa surpreendente aqui é a baixíssima percentagem de homens que o julga atractivo (4%) em comparação com as mulheres que o apontam em 11% das vezes. Este número, tendo em atenção o senso comum e as muitas referências que as mulheres fazem ao olhar e aos olhos, poderia esperar-se mais elevado e as mesmas razões eventualmente

poderiam alertar os homens para uma muito maior preferência das mulheres pelos olhos. Tal porém não se verificou.

De salientar:

- a. A total disparidade de critérios de atracção entre o que os homens pensam e as mulheres apreciam de facto. Nenhum dos quatro factores indicados pelas expectativas masculinas com dois dígitos é na realidade relevantemente apreciado pelas mulheres, sendo mesmo três deles os que receberam menos indicações.
- b. Por outro lado, os quatro factores preferidos pelas mulheres (com dois dígitos) são pessimamente classificados pelos homens, sendo que apenas dois factores da tabela estão abaixo dos menos apontados de entre aqueles.
- c. Dos quatro factores principais indicados pelas mulheres, três prendem-se directamente com o físico (nádegas, elegância e ausência de estômago) o que prova a atenção que elas têm quanto a este aspecto, ainda que segundo um padrão totalmente diverso do que os homens imaginam, ou desejariam.
- d. O quarto factor, os olhos, é um lugar comum por demais esperado.
- e. Os quatro factores principais das expectativas masculinas confirmam totalmente o estereótipo masculino: peito, ombros e braços musculosos, pénis grande e altura elevada.

É o ideal do atleta, do Hércules, mas diferente (melhor?) das estátuas da antiguidade, por ser acrescido de um órgão sexual que pelas suas dimensões faça antever uma masculinidade indiscutível.

A prática clínica não deixa dúvidas quanto às preocupações masculinas relativamente ao tamanho do pénis. É assunto em que a ciência parece impotente para se impor e, mesmo em termos de senso comum, impera apenas uma direcção dele, entre duas opostas. Precisamente aquela que leva a uma espécie de *falocracia* e que anula a outra parte que a contraria e normalizaria tudo se o homem desse ouvidos à evidência. Mas não dá e não adianta a outra direcção do senso comum, pela voz das mulheres, dizer que o tamanho não importa, que o importante é a utilização que o órgão tem. Não vale a pena demonstrar que a vagina é extremamente adaptável e, portanto acolhe com

todas as probabilidades de prazer um pénis pequeno e sem correr o risco de que dimensões grandes possam provocar algum desconforto ou mesmo dor, principalmente no início. É inútil informar que só em casos muito pouco frequentes um pénis de grandes dimensões poderá ser factor de maior garantia de prazer para a mulher.

O prazer do homem parece, neste assunto, estar no tamanho do órgão sexual e não no acto sexual em si e daí as muitas complicações que surgem, as muitas cirurgias plásticas que se fazem, os inúmeros desajustamentos sexuais que se observam, as incontáveis inseguranças rapidamente generalizadas para a totalidade da vida pessoal, que se encontram.

Soubessem os homens o que as mulheres realmente pensam e viveriam bem mais felizes e seguros de si. É que para quem se julga do sexo forte pensar que tem o pénis pequeno pode ser razão mais do que suficiente para sofrer bastante, baixar a auto-estima e construir uma auto-imagem pouco abonatória.

Realmente o sexo forte é a mulher. Primeiro porque não tem período refractário. Segundo porque apresenta uma capacidade orgástica latente ou expressa claramente superior ao homem. Terceiro porque não tem um órgão sexual externo que possa levar a criar problemas como este do homem, sendo o seu prazer uma produção física e psicológica independente da configuração externa dos órgãos genitais.

Corman diz a respeito da mulher que “Os nossos antepassados mais remotos tinham medo deste poder orgásmico, deste ‘apetite’ susceptível de não parar. E, como que para o exorcizar, inventaram mitos e tabus para dificultar a sexualidade feminina.” (2004, p. 74).

3. Metodologia

Ao estudarmos o trabalho de Lavrakas, algumas questões nos ocorreram:

Porque não estudar também o ajustamento ou desajustamento das expectativas da mulher em relação àquilo que nela atrai o homem?

Porque estudar este tema num sentido e não no outro?

Haveria igualmente disparidades no sentido contrário?

E se elas existissem, seriam tão explícitas como o trabalho de Lavrakas mostra?

Foi assim que em 1992 decidimos fazer um estudo com estudantes universitários, aplicando um questionário que nos permitisse colher os dados e comparar os resultados com os de Lavrakas, pelo que utilizámos os mesmos itens deste investigador.

Desde logo trabalhámos nos dois sentidos: expectativas dos homens e escolhas das mulheres e expectativas das mulheres e escolhas dos homens, o que nos obrigou a converter os itens de Lavrakas em equivalentes aplicáveis à mulher.

3.1 Procedimento

Os procedimentos mudaram de estudo para estudo.

No primeiro, utilizámos os itens de Lavrakas e fizemos outro questionário para trabalhar o sentido oposto da investigação.

No segundo foram feitas perguntas abertas, para encontrar os factores de atractividade.

No terceiro usámos questionários inteiramente novos, construídos com base nos resultados do estudo 2.

As perguntas foram sempre feitas em sala de aula, garantindo-se total anonimato, que sempre foi realmente dado.

4. Estudos empíricos

4.1 Estudo 1

Começámos, no primeiro ano, por seguir o trabalho de Lavrakas, tendo utilizado uma amostra de 117 estudantes, sendo 39 masculinos e 78 femininos.

Os resultados que a seguir apresentamos mostraram-se muito pouco discriminativos, pelo que decidimos que a partir daí trabalharíamos alguns anos para tentar encontrar um conjunto de factores que, pela sua consistência, pudessem fazer parte de um questionário que produzisse resultados que melhor caracterizassem as expectativas e as escolhas dos dois géneros.

Expectativas dos homens:

Altura	7	17,9%
Textura do cabelo	1	2,6%
Olhos	1	2,6%
Pescoço	0	0,0%
Peito/ombros musculosos	7	17,9%
Braços musculosos	7	17,9%
Elegância	4	10,3%
Ausência de estômago	4	10,3%
Nádegas	0	0,0%
Pênis grande	7	17,9%
Pernas altas	1	2,6%

Resultados concentrados em quatro categorias: 0 (2) 1 (3) 4 (2) e 7 (4). Esta concentração não nos interessava, por ser muito pouco discriminativa.

Escolhas das mulheres:

Altura	6	7,6%
Textura do cabelo	6	7,6%
Olhos	11	14,1%
Pescoço	7	9,0%
Peito/ombros musculosos	7	9,0%
Braços musculosos	7	9,0%
Elegância	6	7,6%
Ausência de estômago	7	9,0%
Nádegas	7	9,0%
Pênis grande	7	9,0%
Pernas altas	7	9,0%

Estes resultados são ainda mais concentrados e menos discriminativos.

Para trabalhar com as mulheres, no sentido oposto, isto é, saber quais as expectativas delas e quais as escolhas dos homens, foi preciso construir outro questionário, uma vez que Lavrakas trabalhou só com o anteriormente referido.

Para isso e uma vez que sete itens eram iguais nos dois sexos, foram directamente aplicados ao segundo questionário, mas os restantes quatro tinham de ser adaptados à mulher.

Assim tivemos que encontrar o equivalente para “peito/ombros musculosos”, “braços musculosos”, “ausência de estômago” e “pénis grande”.

Foram feitas perguntas abertas a 23 pessoas dos dois sexos (16 mulheres e 7 homens) entre os 18 e os 48 anos, estudantes universitários ou com anterior frequência universitária, tendo ou não terminado a licenciatura, do tipo da que se segue: Qual a parte do corpo da mulher que considera, em termos de atracção física para o sexo oposto, equivalente a “peito/ombros musculosos”, nos homens?

Obtivemos os seguintes resultados:

Peito/ombros musculosos	Seios (22)
	Ombros musculosos (1)
Braços musculosos	Braços roliços/arredondados (17)
	Braços musculosos (3)
	Braços finos (3)
Ausência de estômago	Cintura cavada (16)
	Ancas redondas/largas (4)
	Ausência de estômago (3)
Pénis grande	Vagina/vagina bonita/vagina pequena/vagina apertada/vagina sensível/ vagina ardente (22)
	Vagina grande (1)

Foram assim adoptados os termos:

“Seios”, para substituir “Peito/Ombros musculosos”.
“Braços roliços” para substituir “Braços musculosos”.
“Cintura cavada” para substituir “Ausência de estômago”.
“Vagina” para substituir “Pénis grande”.

Os resultados com o modelo inicial do questionário então criado são os seguintes:

Expectativas das mulheres:

Altura	5	6,4%
Textura do cabelo	5	6,4%
Olhos	14	17,9%
Pescoço	5	6,4%
Seios	8	10,3%
Braços roliços	5	6,4%
Elegância	14	17,9%
Cintura cavada	8	10,3%
Nádegas	8	10,3%
Vagina	1	1,3%
Pernas altas	5	6,4%

Escolhas dos homens:

Altura	0	0,0%
Textura do cabelo	2	5,1%
Olhos	2	5,1%
Pescoço	0	0,0%
Seios	6	15,4%
Braços roliços	6	15,4%
Elegância	6	15,4%
Cintura cavada	6	15,4%
Nádegas	6	15,4%
Vagina	5	12,8%
Pernas altas	0	0,0%

Verificámos portanto que os factores de atractividade estavam muito perto uns dos outros, em termos de escolhas, distribuindo-se em muito poucas categorias de resultados, o que não os discriminava uns dos outros.

Para conseguir um questionário mais adaptado à população em causa, que discriminasse melhor os factores, considerámos que era preferível começar por aplicar perguntas abertas, para podermos obter um conjunto de factores para um questionário futuro.

4.2 Estudo 2

Assim, durante sete anos, entre o ano lectivo de 1992/93 e 1998/99 aplicámos perguntas abertas a estudantes dos dois sexos, sob a forma seguinte:

Para homens:

Escolhas: Indique o que acha mais atractivo fisicamente, no corpo das mulheres.

Expectativas: Indique o que, no corpo dos homens, acha que será mais atractivo fisicamente para as mulheres.

Para mulheres

Escolhas: Indique o que acha mais atractivo fisicamente, no corpo dos homens.

Expectativas: Indique o que, no corpo das mulheres, acha que será mais atractivo fisicamente para os homens.

Para o apuramento dos resultados seguimos as seguintes linhas:

A - Recolha dos dados por frequência e agrupamento em cada item (factor preferido de atracção) dos que manifestamente queriam significar a mesma coisa, ainda que usando palavras diferentes.

B - Alinhamento dos factores de atracção de um sexo com os das expectativas do outro (Escolhas dos homens conjugadas com as expectativas das mulheres e escolhas das mulheres conjugadas com as expectativas dos homens)

C – Soma das frequências de cada factor, nestas duas indicações.

D – Critérios para a construção do questionário a preparar, tendo em atenção que os factores a utilizar não deveriam ser em número superior a quinze, para não originar dispersão nas respostas e para trabalharmos com um número de factores exequível:

1º - Inclusão de todos os factores mais escolhidos nas respostas somadas dos dois sexos, expectativas dos homens somadas às escolhas das mulheres e expectativas das mulheres somadas às escolhas dos homens, até ao máximo de 15.

2º - Exclusão de todos os factores rejeitados, ou ignorados (zero escolhas) por qualquer dos sexos (Ex: um factor escolhido como atractivo por um sexo que não tem nenhuma indicação de expectativa pelo outro, ou um

factor de expectativa de um sexo que não tem nenhuma indicação de escolha pelo outro).

3º - Em caso de igualdade de valoração de factores de atracção (ponto 1º) até ao total de quinze factores, preferir o que tivesse mais escolhas (Ex: dois factores com um total de nove indicações na soma das escolhas de um sexo e expectativas do outro, sendo que A teve cinco escolhas de um sexo e quatro expectativas do outro e B teve três escolhas de um sexo e seis expectativas do outro. Entrava na escala do questionário o factor A que teve mais escolhas do que B).

Os apuramentos foram feitos eliminando à partida as indicações feitas apenas uma vez quer quanto às escolhas, quer quanto às expectativas. Algumas respostas nesta situação aliás mostravam errada compreensão da tarefa proposta (Ex: barba grande, de dois dias).

Havendo indicações para a mesma parte do corpo, mas com designações um pouco diferentes, optou-se por colocar o factor de atracção e, à frente entre parêntesis, as designações.

Nos sete anos deste trabalho responderam 634 estudantes, sendo 503 mulheres e 131 homens e os resultados são os seguintes:

Expectativas dos homens:

Eliminadas cinco respostas com uma indicação apenas.

Boca (lábios, dentes, conjunto)	7	5,3%
Cabelo (textura, cor, etc.)	5	3,8%
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	13	9,9%
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	6	4,6%
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	8	6,1%
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	12	9,2%
Pelos no peito	7	5,3%
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	8	6,1%
Pernas (forma, proporções, musculatura)	9	6,9%
Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)	8	6,1%
Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	5	3,8%
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	5	3,8%
Ser alto	8	6,1%
Sorriso	7	5,3%
Tronco (ombros largos, forma em "V", musculatura)	8	6,1%

Bigode	2	1,5%
Queixo grande	2	1,5%
Pescoço forte	2	1,5%
Testa alta	2	1,5%
Maças do rosto salientes	2	1,5%

Escolhas dos homens:

Foram excluídas treze escolhas feitas uma única vez, em que algumas mostravam errada compreensão da tarefa (Ex: O rebolar das ancas).

Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	10	7,6%
Boca (lábios, dentes, conjunto)	9	6,9%
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	5	3,8%
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	8	6,1%
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	4	3,1%
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	5	3,8%
Pernas (forma, proporções, elegância)	10	7,6%
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	4	3,1%
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	4	3,1%
Nádegas (forma, volume, textura, elegância)	10	7,6%
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	9	6,9%
Seios (volume, forma, sustentação)	11	8,4%
Sexo (vulva, púbis)	7	5,3%
Sorriso	5	3,8%
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	5	3,8%
Sardas	2	1,5%
Nariz arrebitado	2	1,5%
Orelhas pequenas	2	1,5%
Covinhas na cara	2	1,5%
Cova no queixo	2	1,5%
Cintura fina (cavada)	2	1,5%

Expectativas das mulheres

Foram excluídas 31 respostas com uma só escolha, em que algumas mostravam errada compreensão da tarefa (Ex: Maminhas a abanarem para provocarem)

Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	20	4,0%
Boca (lábios, dentes, conjunto)	25	5,0%
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	18	3,6%
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	18	3,6%
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	19	3,8%
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	35	7,0%
Pernas (forma, proporções, elegância)	19	3,8%
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	19	3,8%
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	23	4,6%
Nádegas (forma, volume, textura, elegância)	19	3,8%
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	30	6,0%
Seios (volume, forma, sustentação)	25	5,0%
Sexo (vulva, púbis)	16	3,2%
Sorriso	24	4,8%
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	18	3,6%
Nariz arrebitado	18	3,6%
Covinhas na cara	14	2,8%
Cintura fina (cavada)	13	2,6%
Rabinho empinado	12	2,4%
Mamilos grandes	11	2,2%
Corpo magro e peito grande	10	2,0%
Coxas finas	10	2,0%
Mamilos escuros	10	2,0%
Ancas estreitas	9	1,8%
Corpo delgado e ancas largas	8	1,6%
Ser redondinha (gorduchinha)	7	1,4%
Olhos cinzentos	7	1,4%
Olhos que mudam de cor	6	1,2%
Pés pequenos	5	1,0%
Sinal na cara	4	0,8%

Escolhas das mulheres

Foram excluídos 19 factores com uma única indicação, havendo alguns a demonstrar errada compreensão da tarefa (Ex: Carícias com mãos fortes).

Boca (lábios, dentes, conjunto)	32	6,4%
Cabelo (textura, cor, etc.)	26	5,2%
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	14	2,8%
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	26	5,2%
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	45	8,9%
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	19	3,8%
Pelos no peito	17	3,4%
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	16	3,2%
Pernas (forma, proporções, musculatura)	16	3,2%
Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)	15	3,0%
Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	36	7,2%
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	38	7,6%
Ser alto	29	5,8%
Sorriso	39	7,8%
Tronco (ombros largos, forma em "V", musculatura)	17	3,4%
Pescoço forte	19	3,8%
Nariz grande	14	2,8%
Cova no queixo	13	2,6%
Queixo grande	12	2,4%
Maçãs do rosto salientes	11	2,2%
Pés grandes	11	2,2%
Testa alta	10	2,0%
Sombra de barba	9	1,8%

Seguindo os critérios de inclusão e exclusão atrás indicados, obtivemos os seguintes factores:

Os que, nas mulheres, mais atraem os homens:

1. Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)
2. Boca (lábios, dentes, conjunto)
3. Cabelo (textura, cor, etc.)
4. Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)
5. Mãos (forma, alongamento, expressividade)
6. Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)
7. Pernas (forma, proporções, elegância)
8. Pescoço (forma, delicadeza, pele, elegância,)
9. Porte atlético (condição física, corpo musculado)
10. Rabo (nádegas, forma, volume textura, elegância)
11. Rosto (contornos, conjunto, beleza,)
12. Seios (volume, forma, sustentação)
13. Sexo (vulva, púbis)
14. Sorriso
15. Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)

Os que, nos homens, mais atraem as mulheres:

1. Boca (lábios, dentes, conjunto)
2. Cabelo (textura, cor, etc.)
3. Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)
4. Mãos (forma, alongamento, expressividade)
5. Olhos/olhar (forma, cor, expressão)
6. Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)
7. Pelos no peito
8. Pénis (vulto visível, tamanho grande)
9. Pernas (forma, proporções, musculatura)
10. Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)
11. Rabo
12. Rosto (contornos, conjunto, aspecto geral)
13. Ser alto
14. Sorriso
15. Tronco (ombros largos, costas largas)

A partir daqui passámos a aplicar um questionário com perguntas fechadas.

4.3 Estudo 3

Foram aplicados 492 questionários sendo 410 a mulheres e 82 a homens.

Os resultados com as percentagens arredondadas à unidade são os que se seguem:

	O que eles pensam (%)	O que elas apreciam (%)
Boca	4	7
Cabelo	5	1
Compleição física	31	8
Mãos	9	6
Olhos	3	34
Peito	0	1
Pelos no peito	0	1
Pénis	0	1
Pernas	0	0
Pilosidades	5	1
Rabo	14	1
Rosto	13	18
Ser alto	3	0
Sorriso	3	21
Tronco	10	0

	O que elas pensam (%)	O que eles apreciam (%)
Ancas	0	4
Boca	4	1
Cabelo	2	0
Corpo	36	34
Mãos	0	0
Olhos	28	13
Pernas	1	6
Pescoço	0	0
Porte atlético	0	1
Rabo	5	2
Rosto	4	23
Seios	6	6
Sexo	6	0
Sorriso	8	7
Umbigo	0	3

5. Discussão dos resultados

Seguindo o critério de analisar os factores mais importantes, que apresentam percentagens com dois dígitos, verificamos que há quatro factores que entram nas expectativas masculinas como atractivos para as mulheres: a compleição física (porte atlético, musculatura do corpo) com 31%, o rabo (traseiro, nádegas, forma, volume, textura) com 14%, o rosto (contornos, conjunto, aspecto geral) com 13% e o tronco (ombros largos, costas largas) com 10%.

Com excepção do rosto, cuja configuração pode ser muito variada, o que não foi perguntado em detalhe, os outros três factores podem ser considerados consistentes com o estereótipo masculino, salientando-se que está ausente o mais claro deles, o pénis. Desta maneira, podemos concluir que no imaginário masculino continua a ser a compleição física um aspecto supostamente preferido pelas mulheres.

A inclusão do rosto com 13% das expectativas masculinas parece indicar uma aproximação à realidade feminina claramente não contida no trabalho de Lavrakas, podendo dever-se ao nível de habilitações literárias provavelmente mais uniforme e elevado do que o da amostra de Lavrakas.

A estas expectativas respondem as mulheres com preferências muito diferentes. Com efeito verifica-se que a compleição física apenas colheu 8% de indicações, o rabo 1%, o rosto, esse sim claramente enquadrado na percepção física do homem pela mulher, por ser uma janela aberta para o exterior, vê a expectativa já alta nos homens ser ultrapassada em cinco pontos (18%). Em contrapartida o tronco, uma vez mais a indiciar o estereótipo masculino, vê-se com 0% de indicações.

E o que preferem realmente as mulheres para além do rosto, já referido?

Uma vez mais e a ultrapassar claramente os números de Lavrakas, os olhos estão em primeiro lugar com 34%, seguidos do sorriso com 21% e do rosto com os referidos 18%.

Assim se confirma a preferência da mulher por aquilo que, embora físico melhor espelha o não físico: os olhos, o sorriso e o rosto.

Sobressai uma diferença profunda em relação ao estudo de Lavrakas, uma vez que no nosso trabalho as mulheres não valorizam minimamente os aspectos mais claramente físicos. Porque acontecerá isto? Cremos que poderá

haver dois factores a criarem esta diferença. Um devido ao facto de os itens do questionário serem menos propícios à escolha feminina, não contendo termos atenuados como *elegância* e *ausência de estômago*, como Lavrakas encontrou, mas ao contrário alguns mais explícitos como *rabo*, *pelos no peito* ou *pilosidades*. “(...) é necessário termos consciência do facto de que a redacção da questão afecta certamente a resposta, dentro de limites que são, aliás, variáveis de acordo com o conteúdo.” (Gighlione & Matalon, 1993, p. 121). O outro, embora não conheçamos a caracterização da amostra de Lavrakas, poderá dever-se ao facto de a nossa ser constituída na totalidade por estudantes universitárias, eventualmente mais evoluídas e, por isso, mais selectivas em termos de preferências de um tipo menos físico podendo mesmo admitir-se que um tipo essencialmente físico, porventura pudesse ser considerado básico, inculto e menos intelectual.

Não podemos contudo deixar de salientar a diferença esmagadora quanto à escolha das nádegas. Enquanto Lavrakas encontrou 39% de indicações nesse sentido, no presente trabalho o equivalente a este item (rabo) colhe apenas 1%.

Para esta diferença não encontramos explicação, excepto se admitirmos que possa ter havido uma associação ou confusão entre rabo e ânus, tanto mais que o senso comum contraria claramente esta percentagem tão baixa. Terá sido a redacção do item, denominando-o por “rabo” que é mais chocante do que “nádegas”? Se assim for, este facto poderá ser conjugado uma vez mais com o nível de habilitações literárias desta amostra, que poderá ter ajudado a recusar o item.

Também uma vez mais o pénis tem resultado muito baixo nas indicações femininas (1%) mesmo inferior ao de Lavrakas (2%), mas o que surpreende é que ele representa 0% nas expectativas dos homens. Terá deixado o pénis de ter no imaginário masculino a importância que tinha? Terá o facto de as mulheres serem geralmente melhores alunas do que os homens levado a que estas as encarem de uma maneira diferente e comecem a pensar que elas se sentem atraídas por outros factores, menos sexualizados e mais intelectualizados?

Não deixa também de ser surpreendente que os quinze factores seleccionados por serem os mais indicados pela amostra inicial do nosso trabalho tenham, num número significativo de casos, 0% de indicações quer em expectativas em ambos os sexos, quer em preferências também em ambos os sexos.

Isto deixa-nos a suspeita de que o resultado final da redacção dos itens pode ter influenciado. Realmente enquanto a trabalhar com perguntas abertas, era evidente que os estudantes usavam diferentes expressões para designarem a mesma coisa, o que nos levou a optar por indicar os factores em que isso aconteceu por uma palavra e a explicá-los um pouco, à frente, dentro de parêntesis. Pensamos que esta pode ser a explicação para esta distorção.

No respeitante ao sexo feminino verificamos, e mais uma vez seguindo o mesmo critério para análise dos factores, que as mulheres concentram as suas expectativas em dois deles: o corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos) com 36% e os olhos (forma, cor, expressão, etc.) com 28%.

Este resultado é de todo compreensível e aceitável. O corpo naturalmente é sentido e vivido como o que mais se vê e, mesmo se encarado sob o ponto de vista de um intercâmbio sexual, ele representa o ser amado, ou o parceiro sexual, no seu todo, completo e sem especificação detalhada. É o ser na sua totalidade e por isso naturalmente percebido como alvo da atracção que o homem sente pela mulher.

Os olhos, uma vez mais, estão na linha da frente das expectativas femininas em termos de atraírem o homem.

E como responde ele a isto?

No que diz respeito ao corpo, em total consonância com as mulheres, atribuindo-lhe 34% de escolhas. Já no que diz respeito aos olhos a resposta é muito menos concordante, ainda que conte com 13% das indicações.

Um tanto surpreendentemente os homens preferem o rosto feminino em 23% dos casos, o que pode significar a transferência para ele de uma grande parte da carga erótica feminina.

Poderá a exploração televisiva e publicitária do rosto feminino para tudo, usando mulheres de grande beleza, estar ligada a isto?

Nas respostas masculinas estão realmente as maiores surpresas deste trabalho.

Apenas 2% de preferência pelo rabo, 4% pelas ancas e 6% pelos seios e pernas. O umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas) intrmete-se aqui com 3%, ou seja com valor superior ao rabo, inferior às ancas e metade dos seios. Aqui parece claro que a moda tem um papel importante no resultado. Usar roupa que deixa à vista a área que foi descrita no questionário como “umbigo” pode ter um efeito de potenciação deste factor.

Impõe-se perguntar qual o papel que a crescente utilização de tatuagens e piercings nesta área já tem ou poderá vir a ter.

Verifica-se então um deslocamento de algumas áreas tradicionalmente consideradas fulcrais na atracção feminina para o homem, como os seios, as pernas, o rabo e as nádegas para outras muito menos erotizadas, no sentido tradicionalmente masculino, como o sorriso (7%), os olhos (13%) e o rosto (23%)

Uma vez mais, alguma coisa parece estar a mudar, ou ter já mudado.

Dever-se-á às habilitações literárias da amostra?

Será a influência atrás citada dos resultados escolares melhores das mulheres que arrasta os homens para o seu campo de pensamento e entendimento das situações?

Será que a vaga de pseudo-comunicação, nesta época de tecnologia esquizofrenizante com as pessoas a *falarem* por e-mail e sms's, em vez de à viva voz e frente a frente, está já a dar os resultados que de alguma maneira é lícito e inevitável esperar, com os homens a apreciarem o que é visível de imediato, e portanto mais cómodo, no computador ou no telemóvel?

Há muitos anos um amigo explicava-nos a existência de muitos bailarino clássicos homossexuais pelo facto de verem e tocarem continuamente o corpo da mulher. Era, vistas bem as coisas, uma espécie de enjoo. Esta explicação além de naïf é escassa, porque, seguindo o mesmo raciocínio, não consta por exemplo, que muitos médicos ginecologistas sejam homossexuais. Contudo parece oportuno perguntar se, com a exposição cada vez maior e mais frequente do corpo feminino, a mulher não estará a criar barreiras, estranhas para ela e eventualmente incontroláveis, ao relacionamento homem/mulher.

Sabe-se do senso comum que, por exemplo, a arte do strip-tease está no saber *ir mostrando*, não no mostrar. Sabe-se que o que se adivinha é um enorme potenciador do interesse sexual, podendo mesmo ser maior do que o que se vê. Estará a mulher, ao mostrar muito (e quantas vezes mal, por não perceber que a moda não é adaptável a todos os corpos) a banalizar o seu corpo, pessoal, individual e com todos os seus atractivos que são próprios e só dela, levando o homem a concentrar a atenção e o interesse noutras áreas que, como o rosto, ainda que expostas são menos exploradas?

O futuro o dirá.

6. Conclusões

O estudo de Lavrakas mostrou uma estereotipia das expectativas quanto ao modelo masculino criada pelos homens e que em nada corresponde ao que realmente atraía as mulheres que, embora interessadas nos aspectos corporais masculinos desvalorizavam os músculos, o tamanho do pénis e a altura em favor dos olhos, da elegância e da ausência de estômago proeminente. O nosso trabalho comprovou a estereotipia centrada agora menos no tamanho do pénis, nunca referido e incluindo o rosto, o que pode indiciar uma aproximação do homem em relação ao que a mulher realmente prefere, eventualmente devida ao nível de habilitações literárias provavelmente mais uniforme e elevado do que no caso de Lavrakas.

A claríssima diferença entre as preferências das mulheres e as expectativas dos homens, encontrada por Lavrakas, mantém-se no nosso estudo, em que aquelas apontam factores que, sendo físicos, como todos os incluídos no estudo, são-no menos e, principalmente muito menos ligados à força física e à compleição atlética, como os olhos, o sorriso e o rosto. Olhos, sorriso e rosto são como que montras nas quais a mulher procura conseguir ver o estado de espírito do homem e, por isso, interessam-lhe mais do que a robustez que eles valorizam tanto. Estes três factores são uma espécie de *espelho da alma*, pelo que ganham uma força superior nas preferências femininas.

É interessante analisar estes dados à luz da teoria evolucionista, que postula que a mulher escolhe os homens segundo um *critério alimentador* em que, para o curto prazo, valoriza principalmente a sua disponibilidade em alimentar (por exemplo convidando-a para jantar) e para o longo prazo avalia a aparência de possibilidade e disponibilidade de a alimentar (e aos seus filhos) durante um período longo de tempo, garantindo assim a sobrevivência da descendência.

Ao recusar os itens relacionados com a compleição e força física, ela parece, no nosso caso, contrariar esta teoria por desprezar os indícios da possibilidade alimentadora, mas ao valorizar os *indicadores da alma* como os olhos, o sorriso e mesmo o rosto, está a seleccionar os elementos de avaliação da disponibilidade a longo prazo. De facto, um homem muito forte pode dar indicação de poder ganhar o sustento da família, mas isso nada dirá

sobre a sua disponibilidade a longo prazo, para o fazer. Indicadores como os olhos, o sorriso e o rosto, podem ser mais fiáveis na previsão da verdadeira disponibilidade dele para manter uma relação e o consequente sustento garantido e duradouro.

O nosso estudo apresenta uma profunda diferença em relação ao de Lavrakas, porque as mulheres valorizam muitíssimo pouco e, nalguns casos nada, os aspectos especificamente físicos, o que nos leva a admitir que a redacção dos itens por nós adoptada pode ter influenciado a decisão, ao ser mais crua e directa do que no caso daquele investigador. À leveza de palavras como *nádegas*, contrapusemos *rabo* por ser a forma mais utilizada pelos estudantes no trabalho inicial. À *elegância e ausência de estômago* do primeiro correspondem itens como *ser alto, pelos no peito e pilosidades* que foram igualmente retirados do trabalho inicial que fizemos, mas que parecem ter-se mostrado demasiado óbvios e eventualmente algo chocantes podendo ter conduzido à rejeição. Isto torna-se particularmente evidente quando se compara os 39% de escolhas das nádegas das mulheres da amostra de Lavrakas ao 1% de indicações do “rabo” da nossa.

Ao contrário, o resultado muito baixo de indicações do pénis confirma-se no nosso estudo, com 1% contra 2% da investigação original. Mas também aqui surge uma diferença importantíssima. Enquanto que no estudo de Lavrakas 15% dos homens mostravam a expectativa de que o pénis grande era o que atraía as mulheres, no nosso trabalho essa expectativa é de 0%. Aqui inverte-se a situação, porque, embora com resultado muito baixo, há 1% de mulheres que indicam o pénis como factor atractivo dos homens. É de qualquer maneira de salientar que o símbolo máximo da masculinidade parece estar a perder força na mente masculina.

Relativamente às mulheres, o estudo de Lavrakas não as incluía e, por isso, não há comparações a fazer.

Quanto às expectativas delas, centram-se em dois factores: o corpo tomado como um todo (36%) e os olhos (28%). Uma vez mais os olhos a marcarem a sua importância no imaginário feminino e o corpo, enquanto conjunto, a sobressair uma vez que é o *invólucro* completo da mulher.

A estas expectativas respondem os homens com total concordância quanto ao corpo (34%) mas com menos de metade de escolhas em relação à expectativa feminina no que respeita aos olhos (13%). Assim, embora

apareçam já com uma importância significativa, os olhos continuam a ser muito menos valorizados pelos homens do que pelas mulheres. A eles chama mais a atenção o rosto (23%) para o que pode não ser inócua a cada vez maior exploração televisiva/publicitária do rosto feminino e até do masculino.

Há um aspecto extremamente importante por surpreender completamente e poder configurar uma clara alteração no imaginário masculino relativamente à mulher, que se prende com as baixíssimas indicações, pelos homens, de factores de atracção como o rabo (2%) as ancas (4%) e os seios (6%) tradicionalmente zonas corporais que o senso comum se encarrega de demonstrar serem fortemente atractivas. Algo surpreendente é também a inclusão nesta área de um factor intruso, o umbigo, tomado como a *área entre a base das costelas e as virilhas* com 3%. Pensamos que a moda feminina utilizando roupa que não tapa esta área do corpo pode estar na base desta valorização. Não sabemos até que ponto o frequente uso de tatuagens e piercings nela poderá também ter originado ou vir a originar a sua sobrevalorização.

Como resultado geral, aparece no nosso estudo um claro deslocamento de áreas tradicionalmente consideradas como rainhas na atracção do homem pela mulher para outras com simbolismo sexual menor, como o caso da troca dos *seios, pernas, rabo e nádegas* pelo *rosto, olhos e sorriso*. Este facto, conjugado com a inclusão do rosto nas expectativas dos homens em relação ao que neles atrai as mulheres, parece apontar para uma aproximação do imaginário deles ao delas no respeitante a atracção física.

Referências Bibliográficas

- Burn, S. M. (1996). *The social psychology of gender*. Toronto: McGraw-Hill
- Damon, W. (Ed.). (1983). *Social and personality development – Essays on the growth of the child*. New York: W. W. Norton & Company
- Eco, U., Sigurtá, R., Livolsi, M., Alberoni, F., Dorfles, G. & Lomazzi, G. (1982). *Psicologia do vestir*. (Tradução de José Colaço). (2ª Ed.). Lisboa: Assírio e Alvim. (Obra original publicada em data não indicada).
- Erikson, E.H. (1983). The life cycle epigenesis of identity/identity confusion in life history and case history (Retirado do livro: Identity: youth and crisis (1968). In Damon, W. (Ed.). (1983). *Social and personality development – Essays on the growth of the child*. New York: W. W. Norton & Company. Pp. 408-433.
- Forest, M., Duran, D. % Corman, A. (2004). *Fantasma com que sonham as mulheres...* (Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira). Lisboa: Editora Livros do Brasil. (Obra original publicada em 2003).
- Ghiglione, R & Matalon, B (1993). *O inquérito – Teoria e prática*. (Tradução de Conceição Lemos Pires). Oeiras: Celta Editora. (Obra original publicada em 1985).
- Sigurtá, R. (1982) Delineamentos psicológicos da moda masculina, in Eco, U., Sigurtá, R., Livolsi, M., Alberoni, F., Dorfles, G. & Lomazzi, G. (1982). *Psicologia do vestir*. (Tradução de José Colaço). (2ª Ed.). Pp. 21-35. Lisboa: Assírio e Alvim. (Obra original publicada em data não indicada).